



CATARSE PAULISTANA

Novos dramaturgos, resgate de autores, lei de fomento e fortalecimento dos grupos revigoram teatro da capital

LULA DIVERSO

Entreatos retrata bastidores da eleição e revela as semelhanças entre Luiz Inácio sindicalista e presidente

A CERTAIN MR. JOBIM

O maior compositor brasileiro foi além do cânone do clássico e do popular

RAROS COMPASSOS

Muitas das primeiras canções de Tom Jobim são ainda "inéditas de sucesso"

EU GOVERNO PELO MACHADO

Conan ressuscita nas mãos de Dark Horse depois de ter sido esquecido pela Marvel

UM ELEFANTE NA SALA DE ESTAR

Chega às locadoras Elefante, Gus Van Sant, radiografia seca e cruel do universo escolar

PANGARÉ DA SORTE

Quem não se importar com a ingenuidade de Seabiscuit pode vir a gostar dessa produção caprichada

PASSAPORTE NA MÃO

Eis um novo tipo de reality show: o reality turismo de *The Amazing Race*

Recentemente

O que quer dizer a reação furiosa dos leitores da Playboy contra uma matéria sobre estimulação anal

Caderno Zero

Estádio do Morumbi discrimina torcedor da arquibancada e oferece "benefícios" obrigatórios a quem tem mais dinheiro

Latim em Pé

Em *Chronicles*, Bob Dylan demonstra que sua regra número um é não se levar muito a sério



PANGARÉ DA SORTE

Quem não se importar com a ingenuidade de Seabiscuit pode vir a gostar dessa produção caprichada

por Fábio Freire (mailto:darloncarlos@yahoo.com.br)



Seabiscuit - Alma de Herói passou batido pelos cinemas brasileiros. Nem mesmo as sete

indicações para o Oscar (incluindo melhor filme e roteiro adaptado) chamaram a atenção do público para essa produção tipicamente americana e que foi um tremendo sucesso nos EUA. Só mesmo eles para ainda acreditarem que a América é a terra das oportunidades onde todos podem vencer. Isso em plena era Bush Reloaded. E é

justamente o otimismo exagerado dos americanos que deve ter afastado os espectadores tupiniquins da produção. Nós aqui da terra brasilis estamos mais acostumados com o politicamente incorreto, o sarcasmo e a ironia. Mas Seabiscuit não é um filme ruim. Longe disso.

A história beira a ingenuidade. Três pessoas em diferentes situações tentando reconstruir suas vidas se vêem ligadas a um indomável cavalo azarão que se torna o grande destaque nas corridas das décadas de 20 e 30. Charles Howard (um Jeff Bridges com a mesma pose de Tucker - Um Homem e seu Sonho) é um empresário que revolucionou a indústria automobilística, mas que, com a morte do filho e a separação da mulher, troca os carros pelas corridas de cavalo. Red Pollard (um Tobey Maguire ruivo e tentando fugir do espectro de Homem-Aranha) foi abandonado pelos pais ainda jovem e desconta sua raiva interior em brigas ou montando cavalos. Por fim, Tom Smith (um Chris Cooper deslocado e apagado) é um treinador que vê no cavalo Seabiscuit sua última chance de fazer algo importante na vida. Enfim, três losers (como diriam os próprios americanos) unidos na busca pela vitória e querendo provar que os menores também podem vencer. Assim, lido, parece pior do que é, mas na tela o resultado é até interessante, pelo menos visualmente. A produção caprichada, a fotografia requintada, a trilha sonora grandiosa e os nomes conhecidos do elenco valem a locação.

O grande problema do longa é a direção quadradinha de Gary Ross, que não abre espaço para a espontaneidade. O diretor, que já provou seu





Picosearch

talento com o poético A Vida em Preto e Branco, comanda o filme como se este fosse um relógio, com tudo muito bonito e no lugar. Pena que o resultado final seja belo de se ver, mas com um conteúdo raso e superficial. As motivações das personagens são óbvias (a cena que Chirs



Cooper compara o temperamento do jóquei interpretado por Maguire com a do cavalo Seabiscuit é constrangedora) e o roteiro do próprio diretor (baseado no romance de Laura Hillenbrand) é esquemático e não empolga. O rótulo “baseado em uma história verdadeira” também não ajuda e, aqui, soa mais como uma praga, já que deixa a história mais inverossímil ainda.

A edição é outro elemento que prejudica um pouco o andamento do longa. Em alguns momentos Seabiscuit carece de ritmo e um montador mais experiente poderia ter enxugado a produção em uns dispensáveis vinte minutos. Nem as corridas despertam muito interesse, apesar de bem filmadas. Mesmo porque o roteiro não deixa espaço para nenhuma surpresa. É tudo tão óbvio que sabemos de antemão quando o cavalo Seabiscuit vai ganhar ou perder. Mas como nem tudo está perdido, um acerto do diretor é o constante paralelo feito entre as personagens e a Grande Depressão decorrente da quebra da bolsa de 1929, período em que a produção se desenrola. Tal recurso proporciona o uso de belas fotografias originais da época e representa um alívio na narrativa certinha do filme.



No final das contas, Seabiscuit. Alma de Herói é um típico exemplo de cinemão. Roteiro e direção clássicos, narrativa linear, elenco comportado (o único que chega a se destacar é William H. Macy, como um comentarista de corridas) e música comovente para fazer o espectador mais sensível cair no choro. Se você não exigir muito, até vale uma espiada. O problema é que em meio a guerras sem sentido, conflitos

intermináveis e a indústria do terror dominando o mundo, o filme soa inocente demais e já nasceu datado. 🙄